

ARMANDO FREITAS FILHO

Arremate

(2013-2019)



CANETAS MÚLTIPLAS

Rebuscado

A partir de Kafka

Conexão K/CDA

Um inseto e duas baratas

Quarto de Gregor Samsa

Arthur

Para Cristina, leitora de Proust

Mario e Oswald

Rosa e Lispector

Marcel e Clarice

Lendo amor e sentindo Clarice

Na pedra repetente da poesia

Entreato

Poeta maior

Identidade CDA

João Cabral quatro por quatro

Três mosqueteiros

Dupla

A vida de Gullar em relance

DNA CDA

DUO/ Carlos Drummond de Andrade e Antonio Candido

CDA = Wisnik

Trio

Leitura

A terceira perna

Viagem de Graciliano Ramos

Pensando intenso em João Gilberto Noll

Baudelaire

E.H.

A arte da escrita
Ardor
Jogos
Dueto
De noite
Ensaio
Palpito
Morte-cor
Esperança
Renascimento
Rompante
Anna Letycia
Virginia
Contra Bishop
Caçando Marianne Moore
Emily Dickinson em ação em dois momentos
Cinepoeta
Papiro/Papel
Trifásico
Vida de papel
Palavra
Caderno
No leito da leitura
A carta guardada
Fábula
Entre três
Peso-pesado
Devoro livros
Perfil
Nãxox!

Tremor
Modos de escrever
Agonia
Prova
Modos de ler
Bolo, 2017
Matar
Lição

CASA CORPO ADENTRO

De mau humor, com ressalvas
Queda
Ampulheta
Recorte
Para meu filho
Insono
Alianças
No silêncio
Vida e morte
Durante amor
Marfim e aço
Utensílio
Cego amor
União
Em duas quadras
Tipos de dor
Assassinatos
Tempo ao tempo
Códigos
75 anos

Disfunção
Triplos
Eterna
Mal-estar
Despedida
Sumário
Convencimento
Ida ou volta
Amor
Portal
Dois homens
Aguardo
Sentido
Escalada
Descaso
Os mortos-vivos
Em casa
O dia do cão feroz
Desvão
Escrever e escalar
Andar
Atrás da mãe
Mãos
Um em dois
Morar
Em claro
Um dia atrás do outro
Vida
Perna em andamento
Pleno verão

Desordem
Suicidada
Dados da casa velha
Vida e morte literária
À noite
Acordar
Virgindade
O amor começa
Cristina
Até o fim de um
Desânimo
Criar
Mudança do quarto
Casa descasa
Em busca da memória perdida
Perdição
Distantes
Passagem
Longa morte
Voragem
Não sei
De joelhos
Espero deitado
Começo de adeus
Sentimentos
Escuridão
Em dúvida
Sem dúvida
Condenado
Na velhice

Questão de tempo
Fim
Viagem e testamento
Sucata
Ponto parágrafo
Curso
Fim do fim
Relatório
Operação 77
2020

EM PAPEL JORNAL

Dias dolorosos
Luiz Inácio Lula da Silva
Para Marielle presente
28 de outubro de 2018
1, 2, 3
Rio, 30 de junho de 2017
Em 7 de abril de 2019
Rio
Diário
Ao Deus dará
Nos dias de hoje
Valongo
No ex-Museu Nacional
Muzema
Finalidade
Anticristos
Meu Brasil brasileiro
Jogo de azar

Reza/azar

ROSA ROSA ROSAM ROSÆ ROSÆ ROSA

esboço de rosa

O perfume final da rosa

NUMERAL

178

Do autor

Sobre o autor

Créditos

Para mim

Diremos: “Ter algo em mente não é nenhuma imagem morta (seja qual for), mas é como se nos aproximássemos de alguém”. Aproximamo-nos do que temos em mente. “Quando se tem algo em mente, tem-se a si mesmo em mente”; assim, movimenta-se a si mesmo. Arremessa-se a si mesmo e não se pode, por isso, observar também o arremesso.

Wittgenstein, *Investigações filosóficas*
(Trad.: José Carlos Bruni)

Prefácio

Ponto final fictício

Mariana Quadros

Embora vasta e diversa, a obra de Armando Freitas Filho é costurada por um fio, que a enreda em contínua expansão: “O sentimento foi o de que eu sempre corria atrás de mim”, afirma o escritor ao rever sua trajetória.* O advérbio — destacado pelo poeta — sintetiza o movimento propulsor dessa escrita desde a estreia, há mais de cinquenta anos, em 1963, com *Palavra: a poesia corre*, o eu se transtorna e se transforma na fuga registrada pelo complexo lirismo do autor. Sem renunciar à dicção pessoal, a voz lírica de Armando Freitas Filho tem sido tensionada pela densa reflexão sobre as dificuldades da forma quando dedicada ao extenuante dever de expressar uma subjetividade em constante mudança. Tal descompasso entre a palavra e o eu em trânsito se difunde por diferentes demandas: a tarefa de captar a mobilidade da vida, o anseio de retratar as metamorfoses do corpo, a encenação do embate com a morte. Nessa caça inconclusa, a poesia e o eu — fraturados ambos — nunca chegam a coincidir.

Nos últimos livros do escritor, a fenda se expande devido à concentração dos esforços de Armando na investigação da memória e suas intermitências: *Lar*, (2009), *Dever* (2013) e *Rol* (2016) trazem já em seus títulos os signos da incompletude. *Arremate*, ao contrário, parece redirecionar a escrita do poeta para as formas acabadas: conclusão, desfecho, adorno último, o arremate inscrito no título deste volume anuncia à primeira

vista o fim daquela corrida movida pelo produtivo desalinhamento entre a palavra e o eu cindido. A dedicatória do livro — “para mim” — pode também dar a ver o encerramento do lirismo de Armando Freitas Filho, talvez dedicado agora a uma voz lírica íntegra, expressão de um sujeito reconciliado. Estaremos diante de uma guinada rumo aos fios contínuos, tantas vezes interrompidos pelo “estilo cortante”** do autor? Não nos deixemos enganar por essas pistas: falsas. Há decerto novidades em *Arremate*, mas elas não se resumem facilmente ao fechamento da linguagem ou ao solipsismo de um lirismo personalista.

A epígrafe é o primeiro sinal de que a conclusão costurada neste livro não será obra de uma máquina circunspecta. O trecho, colhido em Wittgenstein, faz lembrar a importância do movimento na obra de Armando Freitas Filho: “Arremessa-se a si mesmo”. Além disso, a citação explicita ser a incompletude o ponto a partir do qual avança esta coletânea: “e não se pode, por isso, observar também o arremesso”. Encontramos aqui o prenúncio de que este livro reencenará o longo embate do sujeito poético freitasiano com “o difícil/ escrever do interminável/ pensamento”. A cena será renovada, contudo: se os leitores do poeta carioca se habituaram às epígrafes colhidas em escritores literários, temos aqui uma passagem das *Investigações filosóficas*. A mudança ecoará no interior do volume, em que o limite da expressão — “ginástica nas barras da linguagem” — será testado pelo esforço de multiplicação dos aportes de outras artes e outros autores.

Esse transbordamento por obras diversas atravessa as “canetas múltiplas” que têm grafado os versos de Armando Freitas Filho, mas aqui “vistas de perto/ os matizes as

diferenciam”: nunca o escritor havia tão claramente exposto sua poesia como o traçado de leituras e releituras quanto nas duas primeiras seções de *Arremate*. O desdobramento da escrita de Armando Freitas Filho se dirige inicialmente à mobilização de um de seus frutos já publicados. O livro se abre pelo “bastidor” de um poema antes divulgado na segunda parte de *Numeral nominal: “10 anos”*, reproduzido após versos que expõem sua concepção. Ao lançar luz para uma gênese a princípio invisível, a dobra da escrita de Armando Freitas Filho sobre si mesma renova o texto de 2001. Iluminado o proscênio, descobrimos que o poema se faz em movimento, nas ruas, cria heterogênea do acaso e da busca refletida. O trânsito pela cidade atrai a jornada da criação poética do autor para o terreno chão do empréstimo tomado a canetas quaisquer: do jornaleiro, palavra colada à notícia do dia, ou outra que esteja disponível. O suporte em que se gestam os versos, antes circunscritos ao tom íntimo próprio à notação do amadurecimento do filho, também acrescenta a eles um componente contingencial e público. Precário, o papel jornal concretiza a força destruidora do tempo. Permanente, o retrato de artista — cuja estampa será a base da escrita do poema — torna-se a tela onde o embate entre permanência e dissolução será delineado: “No jornal, a foto de página inteira da cara de Miles Davis” vai “envelhecendo à força/ à medida do que ia sendo escrito, com rasuras”. Dessa forma, encenando a elaboração de “10 anos”, esse bastidor iluminado permite acompanhar a transformação da poesia em pintura — as canetas do escritor, multicoloridas, imprimindo à força o envelhecimento na imagem que sustenta o poema. A escrita

literária se torna, assim, desenho em movimento do tempo que passa.

Esse circuito de metamorfoses — em que a visualidade domina o universo do poema — é primordial na primeira seção de *Arremate*. Em “Pincel lápis tesoura goiva lente martelo tela”, a descrição minuciosa de composições visuais aproxima a construção do livro da organização de um museu a expor experiências com palavras guiadas pela visão. Nessa coleção, os itens se embaralham. A associação entre artistas é reiterada, em “inúmeras declinações” que fazem deslizar os signos — *tal e qual, como*. A associação de imagens também é um procedimento renovado nessa “Escritura” construída com o alinhavo de diversos traços — esculturas de Giacometti a remeter às estátuas de areia feitas por crianças; lenço de papel tornado nuvem, “folhaflor”. Os contornos entre representação e real se esfumam do mesmo modo. A pintura pode transbordar pela paisagem, instruindo a percepção do observador, ou — ao revés — o espectador pode movimentar o “mar repetitivo” da representação pictórica. Leiam-se, nesse sentido, “Temas e metas”, “Ainda Pancetti, Morandi e de quebra Guignard” ou “Tarde”. Vida e imagem também se sobrepõem: os sentimentos expressos pelos poemas são enformados pelas artes visuais, como revelam os tocantes versos de “Surdez”, “Breu/branco” e “Pai presente”.

As metamorfoses atingem até mesmo o lirismo desses poemas, que convive com um relevante veio ensaístico em grande parte de *Arremate*. Tal exercício reflexivo tem seu programa explicitado no verso inicial da seção “Pincel lápis tesoura goiva lente martelo tela”: “Andando a pé, pensando”. Não à toa esse trecho será depois reformulado sob a variante

“De novo pensando e andando”. Trata-se aqui de reafirmar um pensamento em movimento, tentativa de ofertar ao público imagens em pleno voo. Para tanto, vários textos dessa seção demandarão que o leitor se reconheça espectador, mobilizando o olhar. “Vejam!”, “Observem!”, convidam-nos muitos desses poemas, em um gesto centrífugo. Neles, as imagens são frequentemente delineadas por meio da reiteração de termos demonstrativos — “a mão de sombra, este pincel, o barulho da cor gritante/ daquele quadro”. Nessa expansão para fora do espaço contornado pelos versos, as palavras nos apresentam traços talvez despercebidos nas muitas obras apreciadas. Por vezes essa tarefa será empreendida pela reconstrução poética dos quadros expostos, em um exercício de écfrase cujo exemplo mais cabal aqui é “Piquenique”. Em outros momentos será realizada por meio de concisos comentários críticos ou analíticos espalhados por diversos textos, como “Fauve”, “Autorretratos de autorretratos” ou “Edward Hopper”. Em um caso e outro, chama a atenção o exercício dedicado à reflexão crítica — lírica ensaística.

O mesmo ocorrerá na extensa seção “Canetas múltiplas”, em que o ensaísmo se expande pelos livros com que o escritor tem travado um rico corpo a corpo. Essa luta, empenhada a custo, por vezes se estabelece “com vagar e meditação”. Munido do instrumental crítico necessário à análise, o poeta associa com “pena de ponta fina” obra e vida de escritores, tecendo a sua interpretação àquelas provindas da mediação de leituras — tomadas a sua esposa, Cristina Barreto, Mariano Marovatto, Modesto Carone, Antonio Candido. Em outros assaltos desse enfrentamento, o eu poético substituirá a distância própria da observação pela fusão que não prescinde do confronto: “Mais

vale se embaralhar com ele/ e conseguir ficar de pé —/ descartar-se — ensebado e livre/ sendo só eu sem o seu eco”. Talvez por isso, muitas vezes os leitores de Armando Freitas Filho reconhecerão a projeção do coerente universo literário do poeta sobre o mundo dos artistas e escritores contemplados: “tinta furiosa e calculada”, “dianônimo” povoado de “autoexílios”, ondas incansáveis. A vida do eu lírico se deixará também permear pelo papel — “inseto crescido”, “gato engatilhado”, “metamorfose”. Aquela “ética de luta para apreensão das coisas” notada por Viviana Bosi*** mostra-se aqui mais do que nunca mediada pelo gume das leituras empreendidas por Armando.

Não será esse avanço do lirismo para outros textos, gêneros e formas de expressão uma nova manifestação daquela corrida com que Armando Freitas Filho definiu sua poesia? É provável que sim. Sentindo-se confinado em um corpo envelhecido, afligido pela proximidade da morte e “pensando na passagem do tempo”, o poeta parece novamente correr atrás de si, concentrando-se em inventariar as obras que atravessaram sua vida e sua escrita. Nessa jornada, que aproxima o texto poético da constituição de um arquivo, a recente doação do escritor ao Departamento de Literatura do Instituto Moreira Salles pode ser acontecimento decisivo. “Partida” apresenta os ecos íntimos da transmissão ao ims — em janeiro de 2019 — do acervo de Armando Freitas Filho. Todavia, os efeitos desse gesto de entrega não são apenas pessoais. A dor individual se transfigura em bem público por meio da constituição deste livro em um acervo outro, na impossibilidade de abrir as portas do “furgão irrespirável” que levou os bens legados à consulta pública por Armando Freitas Filho. Um acervo pessoal: coleção

privada com interesse coletivo, como a que encontramos no conjunto composto por *Arremate*.

As leituras de artistas e escritores, claro está, não interessam apenas a Armando Freitas Filho, na medida em que mobilizam também o público. Tampouco o fazem os versos de “Em papel jornal”, nos quais o poeta se aproxima do cronista, compilando e comentando acontecimentos que golpearam o leitor da história recente. As mãos do escritor, acossado pela urgência de “condenado” à morte e pela premência da contribuição ao tempo presente, assumem um tom prosaico incomum na escrita freitasiana. Esse registro dos eventos sociais, que vem enriquecer o repositório de leituras em *Arremate*, parece ser confrontado por outro fruto do encurtamento do tempo de vida: o registro dos fios descontínuos da memória. Concentrados em “Casa corpo adentro”, os textos biográficos aparentemente dotam de um teor privado o acervo revelado neste livro. Mas a impressão é falseadora ou, no mínimo, reducionista. “Tudo vivido, nada vivido”: as palavras recuperam do esquecimento objetos frágeis — “coberta branca”, “óculos cegos sem olhos”, “espelho incerto” — para lançar sobre eles o brilho esquivo de uma poesia que se anuncia também fugidia. Igualmente, “Rosa rosa rosam rosae rosae rosa” convoca um complexo tecido de textos para iluminar o erotismo diante da passagem do tempo, em uma imagética de rara beleza. Dessa forma, mesmo os versos saturados de intimidade se transfiguram em bem público. *Arremate* pode ser lido, pois, como o testamento poético de quem adianta a própria morte: “Começo de adeus”, adiamento da morte — Arre, mate!

*image
not
available*

*image
not
available*

ARREIMATE

*image
not
available*

foi em livros empilhados.
Todos, *O processo*
sem venda alguma, lixo puro
de Kafka, e começou a ler:
então era aquele de 1921?

CERTEIRA

Ana matou a morte
antes que ela decidisse por isso.
Estava certa de que viveria
melhor se fosse por escrito
em plena glória e paz.

BREU/BRANCO

A dor não dorme
a noite avança.
Conter com quê
sem remédio à mão?

Despido de socorro
a voz gagueja na mudez
a mão treme sozinha
o silêncio amarra!

No quadrado do quarto
no negro quadro sobre fundo
branco “eu sentia apenas a noite

Pai presente

Azulejo retangular
onde alguém pintou
alguém numa ilha
deserta construindo a si
e a jangada para salvar-se.
Não descansa nunca
constrói para toda
vida a esperança.
Sem dizer palavra
como era seu feitio
me dá na minha mão
não só o presente
mas a sua mão
que me salvou de ser
um Crusoé anônimo
e me ensinou a fazer
jangadas e no céu
da aquarela está escrito
a singela sentença:
“Hei de vencer”.

Eterno

Quatorze coroas de flores
cercam você vivo debaixo d'água.
Seus amigos em volta do caixão
choram na terra terrível, nas pedras
na queda implacável que fere
sua vida ad aeternum mas nunca
seus descobrimentos, sua glória
que vencem a morte e escrevem:
Gilberto Menezes Amado-Filho.

Fauve

Matisse sabia da tessitura
do tempo que o corpo
de qualquer coisa leva
para recortar-se
com pincel ou tesoura.

Leve, mas com lastro
de raiz e asa, levitando
entre voo e pouso
incorporando as duas intenções.

Fios afins e os que não se afinam:
o belo e o fero, acesos
entretidos nas suas formas
se não ferozes, felizes
no afã das cores vivas.

Painel forte, improviso
de tons desenhados
para todo o sempre
que, instantâneo, colore.

Autorretratos de autorretratos

A tinta furiosa e calculada
cerca o azul do olhar que não desvia os olhos
do seu espelho único, indômito e doloroso
vendo-se de perto, a fundo e enxergando além dali
tudo e todos os que ousam encará-lo
e recuam condoídos diante do rosto sério
em série, em distantes e diversos ânímos
sob a luz vertical de martelo e martírio.

O céu morto de estrelas na estarecida noite
que nunca estiveram tão próximas
e só os telescópios de hoje vislumbram
muito tempo depois de sua mirada plena
e da ação do pincel — visível — colado
ao céu e à natureza — sol, girassois
não se apagam nem morrem
como quem os viu, acendeu e plantou
de um tiro isolado sem acesso à água
apenas ao amarelo alto
e ao ruivo: “Vincent em chamas”
incendiado em seu próprio fulgor.

Do filho para o pai

para Carlos, agradecendo

Você levou Europa afora
o mar de Van Gogh para seu pai
dentro de um canudo de papel.
Ele escoou, mas não se perdeu
nem foi esquecido — o mar
é sempre uma lembrança
inesgotável em movimento.
O presente foi dado e ele
carrega ondas inolvidáveis.

Escritura

Toco a linha contínua antiaranha
porque assimétrica, marca Steinberg
a mesma do horizonte mas se verticaliza
devido à associação de imagens citadinas
no ar livre bailarino inventado por Calder
alinhavadas por decisões de esquinas que acontecem
linha fina parente longínqua daquela de Paul Klee
durante o dia e adiam a monotonia
o gráfico retilíneo da eternidade.

Error!

Morrer. Errar. Todos
esses erres guturais
ou o ritual alveolar
contra o duro palato
contra os dentes sem
saída lembram a denti
ção sem dentifrício fria
na caveira surgindo na
cara afora como a que
pintou Basquiat morrendo.

Conexão K/CDA

Preso na cama
no quarto de manhã
acorda sem concordância
da noite subentendida
detido dentro da carapaça
da mancha gráfica
composta por caracteres
que lutam para chegar
às palavras que rompem
as grades aos gritos
com todas as letras; javalis.

Arthur

Não conseguiu mais respirar
no ar da página rarefeito
através das linhas em chamas.
Foi da fronteira para o front
com sua viseira de vidente
com suor e força dos sentidos
extremados — ladrão de fogo
de hálito delicado e aura.
Preferiu o espaço abrasivo
do deserto, da falta, do furo
de dor na perna, da trilha
traficante de certo fim
e juntou sua morte à do outro.

*image
not
available*

Rosa e Lispector

Desabrocharam no mesmo tempo.
Algo em comum na peripécia
da aparência, das vestimentas
bem cortadas, mas na essência
se encontravam sem aparatos
embora escrevessem distantes
diferentes: ele para a literatura
ela para ele, para você, para qualquer.
Partiam da mesma base, ambos
sensitivos, místicos, mágicos.
Se reuniram no medo, na morte:
prevista, calculada, aos poucos.

*image
not
available*

Entreato

Não há mais tempo
de ler algo de largo fôlego.
Nem de reler o mar de Melville.
As metáforas de mar estão cansadas
mas as ondas não cansam
de bater no paredão de cada dia.

Não há mais tempo
de paralisar-me para me ver imóvel
no espelho amansado pelo uso ou pretendo
me ver como os outros me veem
sem cuidado narcísico e ilusão?

Não há mais tempo
de limpar o céu das nuvens roucas
e toda noite lidar com o equilíbrio
de dormir na linha da cama
sem saber se vou cair no sono
ou se vou cair por terra.